

P. A9

O século e o frango assado

O presidente Lula sancionou o Estatuto do Idoso. Quando da sua votação, alertei para o fato de que, no Senado, muita gente estava votando em causa própria, como eu mesmo. A Constituição de 1988 dava ao idoso o direito de passar na frente dos outros, em fila. Velho não tem mais tempo de esperar. São as raras vantagens da idade. Eu tenho três privilégios: um, idade; outro, de condecoração, e outro, pelo nascimento. Como idoso, não entro em fila e não pago ônibus; como detentor da Legião de Honra da França, criada por Napoleão, não pago metrô em Paris; e, como cidadão maranhense, recebi de Dom João IV – porque expulsamos os holandeses do Maranhão – o direito de ter as mesmas vantagens dos cidadãos do Porto que lutaram pela Restauração: “poder entrar em Lisboa, capital do Reino, montado em besta e de espada embainhada”. São honras e mercês que Deus me deu e pelas quais rezo todo dia, sem falar na maior, a graça da vida e do destino que me concedeu.

Mas eu quero falar mesmo é do



JOSÉ SARNEY

PRESIDENTE DO SENADO

balanço que foi publicado estes dias sobre o desempenho do Brasil no século XX.

O Estatuto do Idoso não permite maus-tratos a pessoas velhas, pune quem assim proceder; diz-se que é feio maltratar mulher e, pior ainda, bater em idoso. Este Brasil, ancião de 500 anos, tem apanhado muito. Criou-se um esporte nacional de bater nele. Diz-se o diabo do Brasil. Tudo é ruim e não dá certo. Houve um tempo em que se fazia proselitismo para deixá-lo. Era tanta a pancadaria que cunharam o slogan do “ame ou deixe-o”. A verdade é que o Brasil agüentou tudo. A ingratidão de filhos e a maldição de concorrentes.

Agora, vem o balanço do

desempenho do Brasil no século passado e, espantando as carpideiras, vem a surpresa de que fomos o país que, com a Coréia, mais cresceu no mundo. Hoje, somos a 15ª economia mundial. Recordo com saudade que durante meu governo éramos a oitava.

Ficamos mais ricos, com maior nível de educação, com infra-estrutura moderna, grande civilização industrial. Em 1900 tínhamos 65% da população de analfabetos; hoje são 13%. Podíamos estar com zero, mas vamos chegar lá. A expectativa de vida em 1900 era de 33 anos. Quando fui governador no Maranhão era de 29 anos(!). Hoje, é de 68,6. Eu já passei dessa marca, sou um sobrevivente dos anos de 1930.

Mas, no nosso velho estilo de malhar o país, o noticiário ressalta o negativo e esquece o grande salto. As manchetes resumem esses 100 anos como “O Século da Desigualdade”.

Certa vez, em Lisboa, perguntei a um chofer como ia o país. Ele me respondeu: “Portugal vai bem,

mas esses gajos só ficarão satisfeitos quando chover frango assado. E nunca pode chover frango assado, não é mesmo seu doutor?”

Consolidamos uma grande cultura, popular e erudita, como marca de identidade.

Construíram-se museus para toda parte, universidades, escolas. Há 30 anos não tinha a classe pobre onde tomar uma injeção. Estava entregue à caridade das Santas Casas. Hoje, a saúde é universal, temos salário mínimo, garantias individuais, direitos sociais e somos a segunda democracia do mundo ocidental. Temos desigualdades e desemprego, temos. A educação não vai como desejávamos e a dívida, pior ainda. De mais longe já viemos.

O relatório do IBGE tem um defeito, e grave. Não diz que em 1900 não tínhamos o Flamengo, o Corinthians, o Pelé, e o Joãozinho Trinta para fazer esse Carnaval dos diabos e das moças bonitas. Viva o Brasil e ponto.

O senador José Sarney (PMDB-AP) escreve nesta página às sextas-feiras